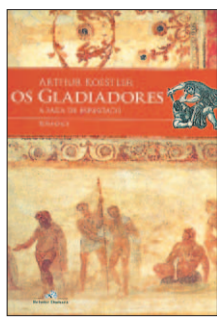


ROMANCE

OS GLADIADORES – A SAGA DE ESPÁRTACO
De Arthur Koestler
Editora Relume Dumará, 320 páginas, R\$ 44,90

A escolha do escravo e gladiador romano Espártaco não é um afastamento de Arthur Koestler das questões políticas de seu tempo. Pelo contrário, é na saga do inteligente e politizado Espártaco e de sua revolta contra o Estado para criar uma cidade ideal que o escritor vai se aproximar de seu tempo, em um paralelo entre o primeiro século pré-cristão e a desilusão com o regime comunista. Neste sentido, *Os gladiadores* é também a história de uma revolução que deu errado. O autor, inglês e judeu de origem búlgara, foi autor de uma obra marcada pelas paixões políticas da primeira metade do século passado, sobretudo pela decepção com o projeto revolucionário comunista, ao qual aderiu na juventude e que renegaria com a denúncia dos crimes de Stalin. *Os gladiadores* é o primeiro romance da trilogia formada ainda por *Zero e o infinito* e *Arrival and departue*. Koestler (1905-1983) foi um dos intelectuais mais atuantes do século 20 e escreveu romances, memórias e ensaios, entre eles *O iogue e o comissário*, *Os Khazares* e *O fantasma da máquina*.



LANÇAMENTOS

FILOSOFIA

A FILOSOFIA E SUA HISTÓRIA
De Gérard Lebrun
Editora Cosacnaify, 432 páginas, R\$ 79

Autor de clássicos da história da filosofia, como *Kant e o fim da metafísica*, o francês Gérard Lebrun foi designado nos anos 1960 como professor de filosofia da USP, em cátedra mantida pelo governo francês. Seu magistério marcou várias gerações de filósofos brasileiros. *A filosofia e sua história* reúne textos publicados em revistas especializadas, tratando de autores como Pascal, Descartes, Hobbes, Leibniz, Hume, Kant, Hegel, Benjamin e Gilles Deleuze. A apresentação é de Carlos Alberto Ribeiro de Moura.

TEATRO

ANTOLOGIA DO TEATRO REALISTA
Organização de João Roberto Faria
Editora Martins Fontes, 416 páginas, R\$ 42,50

Entre 1855 e 1865, o teatro brasileiro esteve marcado pela chamada escola realista, mesmo que o romantismo se mantivesse como estética dominante na literatura em prosa e verso. Representadas sobretudo no Rio de Janeiro, as peças realistas mostravam a vida social e familiar, retratando costumes da burguesia do período. A edição que traz introdução de João Roberto Faria reúne os textos *Os mineiros da desgraça*, de Quintino Bocaiuva; *História de uma moça rica*, de F. Pinheiro Guimarães; e *Cancros sociais*, de Maria Ribeiro.

POESIA

MALA NA MÃO & ASAS PRETAS
De Roberto Piva
Editora Globo, 176 páginas, R\$ 38

Segundo volume das obras poéticas reunidas de Roberto Piva, poeta paulista nascido em 1937, o volume reúne a produção editada entre 1976 e 1983, com quatro títulos independentes: *Abra os olhos e diga Ah!*, *Coxas*, *20 poemas com brácoli* e *Quizumba*, acrescidos de manifestos divulgados pelo poeta em 1983 e 1984, agrupados sob o título *O século 21 me dará razão*. A organização é de Alcyr Pécora e o posfácio de Eliane Robert Moraes.

RELIGIÃO

PESCADORES DE HOMENS
De Sílvio José Benelli
Editora Unesp, 328 páginas, R\$ 38

O psicólogo Sílvio José Benelli se propõe a realizar um estudo psicossocial de um seminário católico, analisando as contradições entre o discurso e a prática da instituição. Na pesquisa de campo, o autor estuda as práticas discursivas e não discursivas que constituem os saberes da formação eclesiológica católica e sua relação com o poder. As referências teóricas do estudo são Goffman e Foucault e as conclusões apontam para uma contradição entre os estatutos do seminário e o que é implementado em seu projeto cotidiano.

VIAGENS

HOJE, CENDRARS PARTE PARA O BRASIL
De Jérôme Michaud-Larivière
Editora Companhia das Letras, 314, R\$ 48

O escritor e roteirista Jérôme Michaud-Larivière retoma os passos do poeta Blaise Cendrars no Brasil dos anos 1920. Ligado aos modernistas, Cendrars larga a família em Paris e vem para o Brasil em 1924, apaixonou-se pelo país que voltaria a visitar em 1926 e 1927-28. Pelo olhar do autor é possível ver a cidade de São Paulo já cosmopolita, mas com toques provincianos, além das incursões pelas fazendas de café do interior paulista e cidades históricas de Minas Gerais.

Literatura e RELIGIÃO

Proliferação de evangelhos ficcionais mostra que há, por parte dos escritores, a disposição de enfrentar o desafio de recontar criativamente a história bíblica

BRIAN SWYDER/REUTERS/1/4/05



DEIZI ALVES LARANJEIRA

influência da *Bíblia* na cultura ocidental vai muito além do papel religioso e doutrinário que lhe é intrínseco. Sua importância deriva de seu status de texto fundador, por constituir uma das bases sobre a qual se edificou muito do pensamento ocidental e por modelar a visão de mundo da civilização judaico-cristã, que o mantém como pilar ideológico e hegemônico, dentro e fora do contexto religioso.

O texto bíblico tem sido escrutinado por exegetas e estudiosos através dos séculos. Esse estudo, porém, atravessou as fronteiras da religião e espalhou-se pelos diversos campos do conhecimento. No que se refere à literatura, a *Bíblia* tem fornecido grande parte de seus temas, valores, imagens e eventos, ela tem suprido a arte e a literatura com pontos de vista que permanecem significativos hermenêuticamente.

O que se observa ao longo de 21 séculos de cristianismo é uma constante reescrita, por parte da literatura, dos episódios bíblicos. Dentre eles, destaca-se a grande narrativa do mundo ocidental: a história de Jesus. Dos textos apócrifos dos primeiros séculos da era cristã, passando às paródias sacras da tradição medieval até as versões contemporâneas, as reescritas dessa história provêm de uma fonte que se mostra inesgotável: os quatro Evangelhos do Novo Testamento. Não há pessoa informada pela cultura cristã que não identifique seus elementos: o nascimento em uma gruta de Belém, o batismo, a pregação e a morte humilhante na cruz. Para ficarmos somente no século 20, podemos citar, dentre uma extensa lista, romances como *O homem que morreu*, de D. H. Lawrence, *A última tentação de Cristo*, de Kazantzakis, *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, *O evangelho segundo o Filho*, de Norman Mailer, *Ao vivo do Calvário*, de Gore Vidal, *O evangelho segundo Pilatos*, de Eric Emanuel-Schmidt, *Testament*, do canadense Nino Ricci.

Foi no final do século 18 que racionalistas como Voltaire e Thomas Paine promulgaram uma visão humanizada de Jesus. Nesta perspectiva, Jesus não é o filho de Deus, mas o articulador de uma nova doutrina ética. Essa atitude promoveu uma nova dimensão crítica

dos Evangelhos e sua confiabilidade. Hermann Samuel Reimarus (1694-1768) é considerado um dos primeiros a sistematizar uma crítica ao Jesus dos Evangelhos, tentando enquadrá-lo em um contexto histórico. Para ele, Jesus era simplesmente um judeu nacionalista, cuja execução foi reinterpretada pelos seus seguidores. As idéias de Reimarus, para sua época, foram muito avançadas e não conseguiram influenciar a teologia conservadora de seu tempo, ainda fortemente atrelada aos dogmas de fé.

Foi somente em 1835, com a publicação de *Vida de Jesus*, de David Strauss, que surgiu uma metodologia crítica para explicar os acontecimentos narrados no Novo Testamento. Divergindo tanto da corrente supernaturalista, que insistia na constatação que os milagres da *Bíblia* ocorreram como foram narrados e que aceitar esse fato é uma questão de fé, quanto da corrente racionalista, que tentava achar explicações racionais e naturais para os eventos, Strauss preferiu uma síntese da questão, a qual chamou "interpretação mítica". Para efetuar-la, ele observou que muitos feitos e milagres de Jesus correspondiam ao cumprimento de profecias do Velho Testamento e inferiu que esses elementos eram, na verdade, convenções literárias incluídas pelos autores dos Evangelhos, que retrabalharam o Jesus histórico de modo a fazê-lo corresponder às previsões proféticas.

Dessa forma, Strauss procurou distinguir o Cristo da fé e o Jesus histórico: o primeiro estaria relatado nos Evangelhos; para se chegar ao segundo, contudo, seria necessário remover as adições míticas ao que foi registrado, o que na verdade pouco deixava para o Jesus histórico. Em sua conclusão, Strauss desferiu um golpe na questão da fé, ao repudiar os acontecimentos sobrenaturais ligados a Jesus. Num tentativa de amortecer o impacto causado por essa afirmação, ele sugere não uma rejeição total, mas uma saída pela porta poética. Estabelece-se, assim, uma interface entre religião e literatura, ao se observar como a história de Jesus tem sido abordada fora do contexto da exegese bíblica. Para muitos estudiosos, os relatos dos Evangelhos são invenções literárias, produzidas dentro de um determinado arcabouço sociopolítico-religioso. Nesse

contexto, as narrativas dos Evangelhos se configuram como ficções poderosas, que se tornaram consenso na maneira de imaginar Jesus fazendo parte da história da humanidade.

No entanto, não é possível reduzir a história de Jesus aos elementos ficcionais que a compõem (o mesmo ocorrendo quando uma perspectiva histórica é abordada): as reivindicações de "verdade" que o texto bíblico apresenta tornam problemáticas todas as tentativas de fixá-lo em um campo ou outro. Embora o fundamento religioso pretenda conferir uma idéia inquestionável de verdade, outras visões, versões, releituras e reescritas dos episódios bíblicos sempre se interpõem, tornando plural uma visão que a princípio se pretende única.

No que diz respeito à história de Jesus, a canonização de quatro evangelhos (e não apenas um) evidencia a multiplicidade de versões, bem como a existência dos apócrifos, que já marcam uma interseção entre as esferas religiosa e literária. Os romances que reescrivem a história de Jesus continuam uma tradição que perpassa o mito e desemboca na ficção. O que os diferencia de outros relatos ficcionais é justamente o fato de trabalharem uma narrativa tão carregada de significados para o mundo ocidental, o que, obviamente, acarreta consequências. Esses evangelhos ficcionais não são reescritas inocentes. Embora não abalem as estruturas religiosas, de uma forma ou outra eles revigoram o debate em torno da figura de Jesus, debate que sempre remete aos campos do mito, da história e da ficção, enfatizando sua inevitável confluência quando se trata de um símbolo tão complexo como Jesus Cristo.

A consciência da força da narrativa evangélica é tamanha que o escritor argentino Jorge Luis Borges afirmou não ser possível recontá-la de forma melhor do que os evangelistas. Os escritores, obviamente, discordam de Borges, e empenham-se em superá-los. Jack Miles, autor do premiado *Deus: uma biografia* (1997) comenta que o escritor que tenta recontar a história de Jesus sente imediatamente as dimensões do desafio e da possibilidade de derrota. O fluxo interminável de evangelhos ficcionais, porém, transforma a suposta impossibilidade de suplantarmos a narrativa evangélica em uma potencialidade, um desafio, o qual a literatura não se omite de enfrentar e produzir infinitas variações.

Deizi Alves Laranjeira é doutora em literatura comparada pela UFMG e professora de língua inglesa da Uninicar, câmpus Betim.